

MARIA DAS DORES MAGALHÃES DE OLIVEIRA



FILOSOFIA PARA ADOLESCENTES

S. 30733

Tombo nº.	7.1.36
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	06.03.03

MARIA DAS DORES MAGALHÃES DE OLIVEIRA

FILOSOFIA PARA ADOLESCENTES

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

RUBIATABA -- 2001

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais:

Almiro e Gertrudes, que estiveram sempre presentes com carinho, dedicação e fé, e foram os responsáveis pelo amor que pude colocar na vida e no trabalho;

A meus amados filhos:

Polyana Roberta, Thiago Vinícius e Ana Caroline, que me motivam para uma melhora constante;

A meu esposo:

Anésio, por me estimular e acreditar em mim;

Aos meus irmãos:

Pela amizade, união e alegria de vivermos juntos;

À minha amiga Jane Pereira:

Por compartilhar comigo estes quatro anos de estudos, coleguismo e amizade;

Por fim a todos os pais e educadores que desejam um mundo melhor e não se acomodam diante da vida.

AGRADECIMENTO

Minha gratidão e um abraço carinhoso a todos que colaboraram comigo na realização desta dissertação. Em especial:

Ao professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos, pelo estímulo e dedicação como orientador.

*"A febre da juventude
conserva o mundo em
temperatura normal".*

SUMÁRIO

Introdução.....	02
CAPÍTULO I	
Questões sobre Filosofia.....	03
CAPÍTULO II	
O adolescente e a Filosofia.....	07
CAPÍTULO III	
Valores.....	10
CAPÍTULO IV	
Interação.....	17
CAPÍTULO V	
Formação.....	20
CAPÍTULO VI	
Expectativa.....	23
Conclusão.....	25
Referências Bibliográficas.....	28

INTRODUÇÃO

Esse trabalho vem colocar questões sobre o ensino de filosofia para adolescentes no que se refere a adequação dos conteúdos com a linguagem e realidade dos alunos, da relação do adolescente com a filosofia e da visão das pessoas mais velhas em relação aos adolescentes.

Aborda-se também sobre a aceitação da filosofia em relação às outras disciplinas e o que ela pode oferecer no que diz respeito a: formação filosófica, exercício do pensamento, busca, visão de mundo melhor, contato com o outro, envolvendo tudo isso a valores, interação, formação do adolescente e sobretudo a uma expectativa de crescimento em todos os sentidos da vida, desse ser que muitas vezes é considerado um "incômodo", pois, ele representa o novo que vive lutando contra o velho que já passou por esse processo de ser o novo.

Aborda-se ainda, o entusiasmo e a expectativa do adolescente, em aceitar a filosofia como um rumo para sua vida escolar, sendo esta disciplina uma novidade para ele.

I

CAPÍTULO

QUESTÕES SOBRE
ENSINO DE FILOSOFIA

Antes do professor definir-se por conteúdos, procedimentos e estratégias, precisa definir para si mesmo o lugar de onde pensa e fala, porque afinal é ele o responsável por transmitir o pensamento e idéias em diferentes contextos para diferentes alunos com pensamentos também diferentes.

O professor deve escolher conteúdos que garantam uma familiaridade com a linguagem dos alunos e que também estabeleça uma ligação com os acontecimentos atuais e a realidade dos próprios alunos. Isso faz com que os mesmos desenvolvam o gosto em conhecer o sentido das palavras em descobrir essências dentro dos significados dos textos estudados. Com isso o aluno desenvolve um pensamento crítico através da relação entre problemas da sua vivência com problemas filosóficos e produz seu próprio texto mostrando sua capacidade de apreensão e compreensão.

Para que se entenda bem um texto é necessário que se leia várias vezes, e que o leitor estabeleça uma relação com a linguagem proposta pelo texto estabelecendo uma sintonia, formando com isso uma produção adequada ao sentido do mesmo. Na leitura de textos, nas redações, nas discussões, é preciso levar em conta a qualidade do conteúdo e a situação de aprendizagem. O pensamento crítico não provém da simples discussão da confrontação ou da opinião do professor e sim pela capacidade dos alunos em formular questões e objeções de maneira organizada e estruturada.

No Ensino Médio, a filosofia deve ser considerada como uma disciplina ao nível das demais, mesclando cultura, formação intelectual, métodos, enfim deve ser tratada como uma atividade ou disciplina normal como as outras dentro do currículo escolar. Ensinar filosofia enquanto disciplina implica determinar uma ordem de conhecimentos e práticas, onde a aula é um espaço em que se efetivam as condições da transmissão; um trabalho que articula materiais e linguagens, conceitos e procedimentos, ou seja, é a partir do conjunto de conceitos e

concepções que o conteúdo filosófico vai se moldando e se configurando, fornecendo, assim, os elementos necessários para análise teórica e a compreensão do cotidiano vivenciado pelo aluno.

Vale dizer que a qualidade do ensino de filosofia não depende apenas da articulação dos conteúdos com a realidade vivenciada pelo aluno, ou da organização curricular e do programa voltados para a história da filosofia, mas também de procedimentos metodológicos adequados e instrumentos avaliativos compatíveis com o nível de aprendizagem dos alunos.

O professor deve fazer com que seu aluno saia daquela fase de repetir e repassar a mesma fala, ativando-lhe a curiosidade pelas possibilidades e ambigüidades dos discursos, podendo com isso resgatar a linguagem mais especificamente de cada aluno e não uma linguagem geral para todos, tendo assim uma variedade de opiniões em sua aula, e ao mesmo tempo enriquecendo o conhecimento.

O professor deverá, acima de tudo, aprender a escutar e acatar as opiniões dos alunos sem querer impor-lhes jamais qualquer idéia, conceito, valor ou parâmetro. Ele apenas conduz a discussão, procurando reconhecer os padrões lógicos de suas narrativas e a dimensão filosófica de seus interesses. Deve ter habilidade para discussões e encorajar sempre o educando a pensar por si, mas alertá-lo quando seu raciocínio fugir da lógica. As discussões deverão sempre desenvolver uma atitude crítica, reflexiva e autocorretiva que, naturalmente será introjetada e se tornará parte integrante do comportamento do aluno.

O aluno com o passar do tempo, vai perceber que é capaz de descobrir coisas novas, maneiras diferentes sobre uma mesma questão e novas idéias. Aprenderá que a existência humana é sempre uma atividade de busca, um dilema e não é algo pronto, mas por se fazer, correndo risco e incerteza.

A filosofia tenta clarear e iluminar assuntos controversos e desordenados que são tão genéricos que nenhuma disciplina científica está equipada para lidar com eles. Qualquer que seja o assunto, entretanto, o objetivo da filosofia é o de cultivar a excelência do pensamento, e os filósofos fazem isso examinando o que é pensar historicamente, musicalmente, matematicamente, em uma única palavra, pensar excelentemente nas disciplinas.

Afinal, a filosofia tem como finalidade debater, confrontar idéias, estabelecer a suspeita, de provocar a negação e a ruptura, enfim de incitar à participação do processo de criação de novos homens. Assim, ensinar filosofia instiga ao desmonte das certezas, permite "viajar" através de reflexões e leituras de textos diversificados, ampliando a visão de mundo e aprendendo a criticar e criar.

A necessidade de criar está presente na vida das pessoas. E a filosofia é uma disciplina criadora, forja conceitos por necessidade de levar o homem a situar no espaço e no tempo. O futuro da filosofia depende de sua capacidade de autoreconstrução conceitual e, ao mesmo tempo, da efetivação da atividade filosófica como trabalho crítico do conceito que busca a elaboração de teorias com intenções práticas, construindo hipóteses plausíveis orientadoras do sujeito capaz do exercício constante de investigação.

A filosofia se propõe determinar o sentido dos acontecimentos e a atitude a assumir diante deles. Ela pode ajudar as pessoas a compreender o mundo como é, a procurar os caminhos que possam afastar deste mesmo mundo os abismos e as dificuldades.

II

© A P I T U L O ©

© A D O L E S C E N T E E
A F I L O S O F I A



adolescente é sempre visto pelos adultos como um “incômodo”. E isso não deixa de ser verdade, porque o adolescente passa por uma verdadeira revolução em sua vida, é uma pessoa em movimento, seu corpo, suas idéias, seus sentimentos se transformam. E os mais velhos que já estão acostumados com a maneira em que vivem, muitas vezes não aceitam mudanças nem perturbações, e é por isso que o jovem incomoda. O adolescente representa o novo, ele vive lutando contra o velho que já passou por esse processo de ser novo. Ele é a força do movimento reagindo contra toda acomodação e por isso “incomoda” os acomodados que esquecem que um dia já foram jovens.

Até mesmo na escola, os adolescentes vivem essa situação. Mas quem sabe se os mesmos aceitarem a filosofia como um propósito de mudança, de transformação na escola ou nas suas vidas tudo não vai ser diferente? Com ela o adolescente poderá se sentir mais à vontade, porque a filosofia também é uma jovem, apesar de ter quase 2700 anos de idade. A filosofia também é caracterizada como uma situação de incômodo, de inconformismo. Isso porque algumas pessoas estavam insatisfeitas com as explicações sobre a realidade, que existiam na época.

Essas pessoas eram os filósofos, que se sentiam espantados e queriam fugir dessas explicações, que para eles eram muito simples em relação à complexidade do mundo. Por isso a filosofia surgiu como uma interrogação constante sobre a realidade e um descontentamento com as respostas que surgiam. Isso fez dela uma eterna revolução, ou seja, um movimento de construção do saber. Ela está sempre buscando a sabedoria. E, porque ela sempre está buscando é que ela nunca envelhece.

Sócrates foi condenado à morte porque diziam que ele não acreditava nos deuses da cidade e corrompia a juventude, mas na verdade ele incomodava demais aqueles que se sentiam confortáveis no modo como viviam. Ao longo de sua história a filosofia caminhou sendo um incômodo, um desconforto para as pessoas, mas ao

mesmo tempo, possibilitando o surgimento de novos saberes, de novas perspectivas e possibilidades.

O adolescente não deve esperar que a filosofia resolva sua situação de "incômodo" porque ela vai deixá-lo mais incomodado ainda. Mas não se deve preocupar porque é este inconformismo que faz com que o mundo se mova e assim permite que cada um construa sua vida buscando seus próprios caminhos.

Na filosofia, pois, aprendemos a analisar os elementos que compõem a existência do ser-no-mundo, isto porque há em nós uma inquietação existencial congênita. Ao filosofar, avivamos nossa própria luz interior, fazemos um exercício de aproximação e de encontro com o que é buscado. Há, pois o descobrimento e o diálogo, em busca do conhecimento. Por isso, a filosofia é o conhecimento do conhecimento¹.


Portanto, a filosofia é um instrumento que as pessoas podem usar para entenderem melhor as situações porque passam, e poderem escolher de forma mais pensada as soluções para seus problemas.

¹ Maria Luiza SILVEIRA TELES. *Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia*. p. 13.

III

CAPITULO

VALORES

 uando se fala em valores, faz-se associação com uma série de qualidades que se encontram nas pessoas, nas coisas, nas idéias; qualidades que fazem com que todo aquele que as possui seja digno de apreço.

Os valores são qualidades que dão sentido à vida. Um valor é sempre um bem, é sempre um bom hábito. Mas, os valores dependem do contexto no qual a pessoa se desenvolve.

Na sociedade medieval, o sentimento da infância não existia. Assim que a criança tinha condições de viver sem a presença constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. No mundo das fórmulas românicas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular e sim homens de tamanho reduzido. A criança era vista como um adulto em miniatura, as vestimentas e até a maneira de se portar perante os outros teria que ser de adulto. Tudo indica que a representação realista da criança, ou a idealização da infância, de sua graça, de suas formas tenham sido próprias da arte grega. A infância desapareceu da iconografia junto com os outros temas helenísticos, e o românico retomou essa recusa dos traços específicos da infância que caracterizava as épocas arcaicas anteriores ao helenismo. Há aí algo mais do que uma simples coincidência. Parte-se de um mundo de representação onde a infância é desconhecida: os historiadores da literatura fizeram a mesma observação a propósito da epopéia, em que crianças_ prodígio se conduziam com a bravura e a força física dos guerreiros adultos. Isso sem dúvida significa que os homens daquela época não se detinham diante da imagem da infância, que esta não tinha para eles interesse, nem mesmo a realidade. Isso faz pensar também que no domínio da vida real e não mais apenas no de uma

transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida.

A construção sociocultural da infância e as mudanças históricas nessa construção tomam-se os fatores principais na constituição desta, uma vez que o desenvolvimento humano avança para além da evolução biológica da espécie. A evolução cultural substitui então os mecanismos biológicos de adaptação e os traços da espécie, biologicamente constituídos, passam depois por esse desenvolvimento e transformação adicional que leva-os para além do domínio biológico, para o da cultura e da história humana. Desse modo a infância vira um fato cultural e histórico ou, na realidade um artefato de feitura humana¹.

Nesse sentido, a fase criança ou infância seria como um objeto qualquer construído pelo homem e que, quando não mais necessário, seria deixado de lado sem nenhuma importância ou valor.

As sociedades modernas têm tido uma escala variável para a duração da infância, por motivos apenas ligados a idade cronológica, puberdade, adolescência ou amadurecimento como fatores de desenvolvimento. O trabalho infantil, a partir do momento em que veio a ser regulamentado por lei, exigiu uma determinação legal estabelecendo quem deveria ser considerado criança e, portanto, incluído nas regulamentações.

O que surge é o fato de que a determinação do que constitui infância como uma construção socioeconômica é uma crua negociação entre as necessidades do capital, que precisava do trabalho infantil, o Estado e a crescente organização e agitação dos trabalhadores ingleses, e dos reformistas, a respeito da extensão da jornada de trabalho. A definição de infância quando se fala em normas ou leis, torna-se assim, na realidade, uma questão de construção historicamente variável em resposta às forças conflitantes desses setores sociais.

O fim da infância tem sido também histórica e culturalmente variável, o que faz com que ele proporcione um contexto conveniente para descobrir como fatores socioculturais e econômicos moldam a teoria e a prática da infância, ou seja,

¹ Walter Omar KOHAN & David KENNEDY, *Filosofia e Infância: possibilidades de encontro*, 96-7p.

o fim da infância depende muito da cultura, costumes e até mesmo de poderes financeiros de um povo, podendo então variar conforme o lugar e a época.

Pode-se citar também, já na idade contemporânea, fatos em que as crianças eram exploradas pelos industriais que preferiam o trabalho destas em suas fábricas, porque o pagamento seria em pequenos salários ou em forma de comida e alojamento. Nesse caso as crianças se tornavam precocemente um adulto devido as condições de vida que tinham como: família numerosa, muita miséria e necessidade de trabalhar muito cedo, pulando uma etapa da vida que era a infância, momento importante para construir seus primeiros valores, ter uma formação estruturada e conseqüentemente uma adolescência e fase adulta concretizadas dentro das características necessárias na vida de um ser humano.

Saindo deste contexto onde a infância era um pouco esquecida ou desvalorizada e partindo para um rumo diferente buscando algo que pudesse elevar essa etapa da vida humana, encontra-se a filosofia contribuindo para pensar a infância, para problematizar o seu espaço, para fazer algumas perguntas sobre todos os atalhos em torno dela. A filosofia tem algo a dizer para relacionar de uma outra forma com esse outro que para os adultos é a infância. Os filósofos e educadores brasileiros teriam muito a contribuir caso se interessassem em aprofundar suas idéias em torno desta, porque falar da infância é falar da mais profunda região do próprio ser, o único terreno onde um ser sublimemente humano pode crescer. Só os adultos que conseguem fazer uma retrospectiva de sua vida e manter um contato com sua infância, conseguirão alcançar sua realização como seres humanos.

A filosofia carrega em si a possibilidade de desenvolver no adolescente sua estrutura cognitiva e intelectual, ou seja, formar para a vivência social, cultural e política e por conseqüência, para o exercício crítico e consciente da cidadania. Ela oferece condições para o desenvolvimento da consciência crítica, pela qual a experiência vivida é transformada em experiência compreendida. Deve-se oferecer ao adolescente a possibilidade de pensar e colocar perguntas em relação aos valores herdados de tradição, pois, à medida que ele desenvolve seu espírito crítico a tendência é questionar esses valores herdados e aí entender o significado dos mesmos. O adolescente verá que de acordo com a maneira de agir de cada um, obedecendo os padrões estabelecidos ou transgredindo-os, a sua conduta é

avaliada como boa ou má, justa ou injusta e aos poucos vai aprendendo que toda cultura estabelece valores referente ao que é bom e o que mau, para todos os membros de uma sociedade. De acordo com as relações construídas e as condições em que o homem vive: família, classe social, situação política, trabalho, etc., ele herda costumes para serem respeitados e multiplicados. Assim, nas suas relações ele constrói vários tipos de valores de acordo com suas experiências e também pode descobrir que determinadas normas, necessárias a um determinado momento, precisam ser obedecidas ou então superadas. Porém, não pode esquecer que a consciência, a liberdade e a responsabilidade são indispensáveis às ações humanas, pois, o indivíduo como um ser social, mesmo tomando atitudes individuais, pode atingir os interesses sociais.

Para ter liberdade, é preciso que esta seja responsável, pois, a responsabilidade se forma na consequência necessária da liberdade. Um ato torna-se livre quando se responde por ele. Se o homem é livre, ele deve assumir as consequências das suas ações e omissões. Portanto, a responsabilidade exige fundamentalmente o ato de ser consciente.

O homem só se realiza como indivíduo plenamente humanizado graças à sua inclusão no processo produtivo do trabalho, na participação ativa, na vida social e na vivência do universo da cultura. É na ação prática dessa existência histórica que o homem conhece a si mesmo e vai formando sua personalidade, mas, isso se esse trabalho não for degradante, se a sociabilidade não for opressiva e a cultural não for alienante. Nem sempre todas as pessoas têm a sorte de se dar bem em todas essas esferas. Mas, ao mesmo tempo vem a mediadora de tudo isso que é a educação, que investe na formação principalmente das novas gerações inserindo estas no mundo da cultura, onde a principal ferramenta é o conhecimento. Isso quer dizer, que não há processo de ensino, não há processo de aprendizagem se não houver processo de construção do conhecimento. Então é aí que entra a importância da filosofia dessa construção e isso interessa não a uma determinada pessoa ou função em particular, mas a todas as pessoas que estão passando por um processo de inserção no mundo da cultura contemporânea. Essa formação filosófica é absolutamente necessária para que o adolescente possa começar e continuar a se dar conta do significado da sua existência histórica, do significado da inserção dele seja onde for: no mundo do trabalho, no mundo da profissão, no mundo da cultura.

Claro que a formação do jovem não é exclusividade da filosofia, mas é ela que vai ajudar o adolescente a desenvolver suas habilidades de raciocínio através de discussão de temas filosóficos que o ajudará não somente na aprendizagem do saber como na de inferir, relacionar, criticar, fazer analogias e também desenvolver valores positivos e a situar-se diante da vida. E é claro que não se pode formar bem o adolescente se não se criar a oportunidade para que ele possa desenvolver-se intelectualmente, para que ele possa lidar com o conhecimento de maneira adequada, que se realize como ser humano, como membro de uma sociedade e como cidadão.

Por um certo tempo a filosofia era uma disciplina acadêmica, restrita apenas aos estudantes das universidades. Mas, ainda que de forma moderada, hoje ela está sendo trabalhada em várias escolas particulares e públicas sendo até disciplina obrigatória no Ensino Médio. Existem algumas resistências por parte dos alunos e até mesmo dos pais, mas só o tempo vai mostrar a importância da filosofia na vida dessas pessoas.

Para se ter uma educação plena, é preciso ser capaz de tratar cada disciplina como uma linguagem e de pensar fluentemente nessa linguagem e de pensar fluentemente nessa linguagem, de ser culto em seu raciocínio, assim, como em tudo mais, lembrando que o raciocínio é mais efetivamente cultivado no contexto da filosofia. por ser ela a disciplina que melhor prepara para pensar nos termos das outras disciplinas, tem de lhe ser dado um papel central nos estágios iniciais do processo educacional.

O que está surgindo agora é que o pensamento está se tornando o verdadeiro fundamento do processo educacional e que a educação construída sobre qualquer outra fundação será superficial e estéril. Uma vez que as habilidades necessárias para o pensar nas outras disciplinas têm de ser aperfeiçoadas anteriormente, vê-se porque a filosofia precisa deixar de ser assunto de universidades e tornar-se uma disciplina cuja tarefa é preparar os adolescentes a pensar nas outras disciplinas e aprender a pensar sobre o próprio pensar. É na filosofia que os valores e ideais do passado podem ser reconsiderados por sua relevância para o presente e para o futuro, ela introduz na educação um espírito de racionalidade e juízo crítico que nenhuma outra disciplina pode fornecer.

Segundo Maria Luiza Silveira Teles: "a filosofia vai contribuir para que estes valores já estabelecidos sejam passados pelo crivo da razão e ajudarão o educando a definir, com clareza, os objetivos de vida e assumir, livremente, valores autênticos que evidentemente o ajudarão a se aceitar e amar como é, facilitando uma relação equilibrada com o outro, com a vida e com o mundo²ⁿ."

Isso tudo é importante porque surge aí um sentimento de alteridade, onde o adolescente sai dele mesmo e encontra o outro, fazendo com que estabeleça um respeito, uma responsabilidade e aprenda limitar e dosar sua liberdade em relação a esse outro, que poderá ser um colega, uma pessoa de sua família ou da sociedade.

² Maria Luiza SILVEIRA TELES, *Filosofia para crianças e adolescentes*. p15.

IV

CAPÍTULO Ⓢ

INTERAÇÃO Ⓢ

Eno começo dessa iniciação filosófica, desse processo de aprender a pensar de fazer parir suas idéias, como dizia Sócrates, que o adolescente realiza também um exercício importante em sua vida que é a interação. É nesse momento que ele tem uma oportunidade única de aprender a se relacionar com seus colegas, professor, com a sociedade e com sua família. É importante que o aluno esteja sempre vivo, inquieto e participante e que o professor trabalhe esse aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, suas expressões, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade para que este possa ampliar seus referenciais do mundo em sua volta e trabalhar simultaneamente com todas as linguagens possíveis. É preciso que derrube o abismo que existe entre a escola e o mundo, para que o aluno veja esse imenso espaço que está ao seu redor e construa sua própria visão do universo. Esse exercício pode ajudar o aluno a trazer para a sala de aula, suas dúvidas, suas experiências e seus questionamentos e transformá-los em assuntos a serem discutidos com seu professor e colegas, dando oportunidade a todos de dar seu ponto de vista e descobrir soluções ou até mesmo somar experiências, aumentando assim o aprendizado e ao mesmo tempo fazendo com que todos se tornem participantes da comunidade e investigadores de assuntos importantes para a vida humana que a própria filosofia oferece.

Quando o professor abre mão da sua postura de dono do saber e participa com seus alunos nas discussões filosóficas, há aí uma interação de aprendizado onde todos compartilham bons resultados e um aprende com o outro assuntos diferentes e acabam descobrindo coisas jamais questionadas antes.

Os professores devem dar oportunidades para que os alunos exercitem o raciocínio e aprendam a buscar, questionar e investigar em lugar de esperar ou aceitar as respostas que lhes vêm prontas. Em discussões filosóficas com os colegas, os adolescentes aprendem a formular e expressar seus próprios pensamentos, a ouvir e respeitar as posições dos outros, a criar e empregar critérios

adequados para a avaliação de conceitos e a adoção de valores próprios. Segundo Lipman: "toda matéria parece ser mais fácil de aprender quando seu ensino é inspirado pelo espírito aberto, crítico e de rigor lógico característico da filosofia¹". Isso é verdade, a filosofia contribui significativamente para o desenvolvimento educacional em todas as disciplinas. Ela sugere que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde estudantes e professores possam conversar como pessoas e como membros da mesma comunidade, onde possam ler juntos, apossar-se de idéias conjuntamente, construir sobre as idéias dos outros, pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições e possam trazer para suas vidas uma nova percepção de o que é descobrir, inventar, interpretar e criticar. O adolescente sentirá mais solto, mais aberto para expressar seus sentimentos, sua criatividade, sentirá mais dono de si em relação aos assuntos que surgirem em sala de aula, nas conversas com os amigos e em casa com a família. Ele saberá usar a razão definindo com clareza os objetivos de vida e assumir livremente valores autênticos que evidentemente o ajudarão a se aceitar e amar como é, facilitando uma interação equilibrada com o outro, com a vida e com o mundo. Essa interação é de suma importância, porque ajudará o adolescente se tornar um adulto seguro nas suas decisões futuras.

¹ Mathew LIPMAN, *A filosofia vai à escola*, p. 20.

V

CAPÍTULO

FORMAÇÃO

A formação do adolescente depende de várias etapas que vão se juntando no decorrer de sua vida, desde que ele nasce. Essa formação vai crescendo gradativamente à medida que ele se desperta para as coisas ao seu redor, para as pessoas às quais ele convive como: família, vizinhos, colegas da escola e sociedade. Ele aprende valores que são fundamentais para a formação do seu crescimento: físico, psicológico, espiritual e intelectual. É importante esse contato com as pessoas e com o mundo, pois uma pessoa só é capaz de crescer em todos os aspectos se houver uma interação, um contato, onde possa existir troca de idéias, opiniões aprendizado e até mesmo uma amizade que é um bem fundamental na vida de qualquer pessoa.

Todo contato possível entre os seres humanos é importante porque é esse exercício de troca, de interação que faz uma pessoa crescer e adquirir formação principalmente nessa fase da vida muito delicada que é a adolescência. É aí que o jovem começa trilhar seu caminho para a fase adulta. É como se fosse uma ponte, construída com vários pedacinhos até ligar um lugar ao outro. É nessa ligação que o adolescente junta aprendizado e valores adquiridos desde criança conseguindo assim sua formação para a vida.

Essa etapa de formação do adolescente precisa ser trabalhada com muito cuidado pelos pais, porque através do contato com o filho desde que ele nasce, ninguém melhor que estes que já têm uma personalidade formada e conhecem muito bem seu filho, para lhe mostrar como deve agir e até que ponto pode avançar ou recuar diante dos problemas que poderão surgir no cotidiano do filho.

A escola é outra responsável pela formação do adolescente, porque lá ele recebe informações, aprende conteúdos diferenciados, se relaciona com os colegas da mesma idade, com os professores e com isso adquire maturidade para se relacionar com a sociedade que também é responsável pela sua formação. A sociedade forma a cidade e segundo Jean-Pierre Vernant: "a filosofia é filha da

cidade”. Logo a filosofia está presente na sociedade e logicamente na formação do adolescente, porque ela faz parte do currículo atual do Ensino Médio e é uma grande colaboradora na vida escolar e pessoal do adolescente, levando-o para o convívio com as pessoas de uma forma mais aberta, mais espontânea e pronto para discussões e diálogos sempre buscando respostas que satisfaçam suas indagações, que atinjam a totalidade fazendo com que nada fique superficial no seu entendimento, porque todas as pessoas têm um sonho, um ideal, ou um objetivo na vida e todos têm obrigação de buscar a realização de tudo isso. Não podem viver à margem da vida, precisam buscar uma firmeza e seguir uma meta direcionada para frente, sempre vislumbrando o norte.

A pessoa é um ser em evolução, que precisa tomar decisões, optar por algumas coisas, renunciar a outras e levar em conta os condicionamentos da realidade social. Precisa aprender a se mover entre as normas que encontra ao nascer e os princípios e valores que seu arbítrio vai adotar. Procura aprender tudo aquilo que achar importante e valioso para seu projeto de vida. Também é importante que leve em conta a possibilidade de desaprender tudo o que considerar obstáculo para sua realização plena sem nunca tomar-se um obstáculo para si mesma¹.

Tudo isso faz parte da formação do adolescente, levando-o para uma boa relação com a escola, com a família e com a sociedade.

¹ Betuel CANO. *Ética: arte de viver: alegria de ser uma pessoa com dignidade*, p. 9.

VI

CAPITULO ⑤

EXPECTATIVA

A expectativa que se tem sobre o ensino de filosofia para o adolescente é que este aproveite esta grande oportunidade que está tendo de estudar filosofia, de tê-la como uma disciplina na sua vida escolar. Que ele desperte para a beleza e o encanto da mesma e não pense nela como uma disciplina “chata”, própria dos intelectuais como diz a maioria dos alunos.

A proposta é que essa idéia seja desmitificada e que o aluno veja o ato de filosofar como um exercício gostoso, pois, filosofar é um processo de busca, de investigação sobre a realidade, de questionamento, de inquietação, de admiração diante do mundo e da vida.

Existe também uma expectativa de melhor relação do adolescente com as pessoas, com o mundo lá fora. A esperança é que a filosofia contribua de alguma forma para o crescimento do adolescente e que ele descubra que filosofar no mundo contemporâneo é mais importante do que nunca, porque o ser humano de hoje tem desenvolvido muito mais a ciência e a tecnologia e menos a moral, a ética e as relações humanas. Só a filosofia poderá resgatar esses valores através do interesse do adolescente e da sua habilidade de raciocinar.

A identidade específica do ser humano é o pensar. No momento em que ocorre a desvalorização desta capacidade, a pessoa perde sua maior riqueza.

Por isso, pois, professores, sociedade e os próprios adolescentes, devem-se fazer um esforço para que esse ato tão maravilhoso que o ser humano tem, o dom de pensar, seja exercitado da melhor maneira possível, seja ele em favor dos valores como: liberdade, justiça, solidariedade, ética, moral, etc. ou pela simples razão de existir, de estar no mundo e querer buscar respostas para suas dúvidas.

Se o adolescente entender que a filosofia não é uma conclusão a respeito de nada e sim um “caminho”, já é uma grande expectativa.

CONCLUSÃO

Sabe-se que a filosofia para adolescentes é um tema novo e de difícil aceitação, talvez pelo fato de que tudo que é novo sempre é recebido com certa resistência pelas pessoas, mas ao mesmo tempo isso não justifica, porque o jovem está sempre buscando o novo e entrando em conflito com o que é velho e ultrapassado.

O jovem está muito ligado à tecnologia da informática e da comunicação, onde muitas idéias são produzidas e apresentadas de forma pronta e acabada. A realidade já aparece como algo já feito, não precisa mais ser pensada. Ele prefere a comodidade de não pensar e apenas manipular pequenos botões e encontrar um resultado já pensado.

Na realidade, a recepção do jovem em relação à filosofia é uma situação catastrófica, as impressões que eles apresentam não são nada favoráveis. Eles têm pela filosofia o maior desprezo possível.

A esperança é que, depois de conhecer melhor e de haver um contato constante com a filosofia, o adolescente possa aceitá-la e tê-la como um instrumento interessante para entender melhor as situações do seu cotidiano, possibilitando escolhas melhores e mais conscientes. Se bem, que a filosofia não tem uma "fórmula mágica" para resolver os problemas da vida de ninguém, mas pode indicar um rumo mais seguro.

Segundo Lipman: "a filosofia deve ser o núcleo dos currículos de primeiro e segundo graus". Se isto for realmente aceito e levado a sério, poderá num futuro bem próximo acontecer um despertar na consciência dos responsáveis pela educação no Brasil, no sentido de formar uma geração mais atenta, crítica e apta a discutir, escolher e decidir por si mesma, dentro de uma metodologia que aborde todas as formas de linguagens: escrita, sonora, dramática, cinematográfica, corporal e outras, que é ainda, para Lipman, uma forma correta do educador usar,

contrapondo uma postura estática onde o não-crescimento do educando pode acontecer.

Numerosas experiências feitas em outros países, demonstram que os alunos que estudam filosofia e têm uma relação amigável com ela, expressam-se com maior clareza, lêem melhor, escrevem melhor, desempenham-se melhor em matemática, pensam mais criativamente, interessam-se mais pelos estudos, questionam mais e adoram fazer filosofia.

Portanto, afirma-se mais uma vez a grande importância dessa proposta educacional de filosofia no ensino fundamental e médio.

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola.** 2ª ed, São Paulo: Summus, 1990.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para crianças e adolescentes.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia.** Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

OBRAS DE REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3ª ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

NICOLA, Abbagnano. **Dicionário de filosofia**. Trad Alfredo Bosi, 2ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Paulo et al. **Filosofia e seu ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo, 1995.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1991.

CANO, Betuel. **Ética: arte de viver**. 2ª ed, São Paulo: Paulinas, (coleção Ética e Valores), 2000.

GALLO, Sílvio & KOHAN, Walter Omar. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GAARDER, Jostein. **O mundo de sofia: romance da história da filosofia**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

KOHAN, Walter Omar & KENNEDY, David. **Filosofia e infância: possibilidades de um encontro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.